

REDESCOBRINDO BRASIL

A 43.ª reportagem da série traz mais um relato pessoal da repórter Rebeca Kritsch. Também mostra um pequeno ensaio do repórter fotográfico Robson Fernandjes, que registrou o que viu nesta aventura em comemoração aos 500 anos do Descobrimento

REBECAKRITSCH
beckyk@ibm.net



Aranhas dormem no Parque Emílio Goeldi, de zoobotânica, em Belém, no Pará



Igreja em ruínas na praça central de Alcântara, no litoral do Maranhão



Detalhe do prédio do Mercado São Brás, durante a noite, em Belém, no Pará

O Piauí também é pop. Há menos de um mês, uma rave agitou a noite de Teresina. As festas dançantes ao ar livre, com música techno e drag queens em profusão, chegaram lá em 1996. Quem acha que rave, e todos esses anglicismos, não combinam com Piauí, como eu achava, precisa ver Teresina. A capital do Estado é bonita, limpa, organizada e moderna. É uma cidade projetada, com vias largas. A beira do Rio Poty foram erguidos prédios de apartamentos chiques e dois shoppings que lembram os centros de compras do Interior dos Estados Unidos. O trânsito é um pouco caótico – talvez porque a maioria de seus 700 mil habitantes veio de outros municípios brasileiros.

A vida noturna é das mais agitadas. Como dizem os piauienses, nada acontece antes da novela. A noite começa por volta das 11. Há bares com música ao vivo e danceterias. Muitos lugares servem até vinho importado em taças. Aliás, acho que os piauienses encontraram uma liquidação de Blossom Hill, aquele vinho californiano. Tem em quase todos os restaurantes, sempre gelado, não importa se branco ou tinto.

Digamos que não fica ruim tinto gelado no antológico calor piauiense.

Uma columnist local outro dia fritou um ovo no asfalto – creio que para provar duas teorias que faz calor no Piauí e o sol dali realmente deixa o sujeito prejudicado.

Dom Quixote

Tive a sorte de chegar ao Estado depois do B-R-O-Bró, como eles chamam os meses terminados em "bro" (de setembro a dezembro), os mais quentes do ano. Eu mesma não senti diferença. Nos meses mais frios do ano, que- ratura média fica entre 35 e 40 graus. Graças a esse calorzinho tive um dos momentos mais embarrados da minha carreira.

Na companhia do repórter fotográfico Robson Fernandjes, fui conhecer um psiquiatra de 88 anos apaixonado por Dom Quixote. Clidenor de Freitas Santos foi eleito um dos três homens do século na medicina do Piauí.

Construiu em 1954 um sanatório que hoje vale uma fortuna pela localização, na beira do Rio Poty, a área mais valorizada de Teresina.

Com alguma dificuldade por causa de um reumatismo, ele nos mostrava suas 200 edições da obra de Cervantes quando meu colega de trabalho, igualmente abalado pelo calor, localizou um *Dom Quixote* editado em 1818 de pouco mais de cem páginas. Obviamente, não se tratava do livro. Era apenas um comentário à obra. Antes de perceber, eu já havia anotado a editora, o ano etc.

Pois bem, quando me dei conta, por esse motivo imbecil, tive um incontrolável ataque de riso.

Com o guia, dirigimos o carro alegremente para nosso primeiro atoleiro. Entramos, saímos e seguimos para o nosso segundo atoleiro. Neste, ficamos. Oito horas.]]

Nelson e o Piauí

Enfim, já passei duas semanas no Piauí e ainda não vi a pobreza mais famosa do Brasil. Entrei no Estado pelo litoral e desci até Teresina, um caminho muito verde, pontuado por cidades típicas do interior daquela região, de porte médio em tamanho e desenvolvimento, muitas delas com torres para telefone celular.

Sei que há muita miséria, sobretudo no sul, onde ainda vou, mas fiquei surpresa de ver que, parafraseando Nelson Rodrigues, existe um Piauí rico num Piauí pobre.

Em março de 1969, quando eu tomava minhas primeiras madeiras, o dramaturgo envolveu-se numa polêmica porque disse que o Brasil não sabia nada sobre o Piauí. Ele confessava que também não. afirmou que o lugar era pobre. Diante dos protestos dos piauienses, ele concluiu: "Cada brasileiro vivo ou morto é um pobre vocacional. O Ceará, o Amazonas, ou Rio Grande do Norte, ou Pará, e numa palavra, todos os Estados exageram e dramatizam sua pobreza. É importante ser pobre para ganhar verbas. O Piauí é o único Estado rico. Se dividirmos, acabará emprestando dinheiro ao Brasil. Saibam, portanto, que há um Piauí rico num Brasil pobre." Nesta etapa mais recente da minha viagem, passei por três Estados. Partí de Altamira, no Pará, passei pelo Maranhão e parei em Teresina. Vou poupá-los de mais detalhes sobre a Transamazônica.

Nem eu agüento mais falar de estradas ruins. Aliás, o interior estava me deixando deprimida, sem criatividade. Resolvi fazer como a maioria dos brasileiros. Resolvi "caranguejar". Subi para o litoral do Pará.

Cavalheirismo extremo
 A minha vida melhorou. Mas a do fotógrafo nem tanto. Num atoleiro de cavalheirismo, Robson candidatou-se a ficar sozinho numa ilha oceânica sem eletricidade, numa palhoça sem colchão ou rede, sem comida, na companhia de pescadores, para fotografar o voo dos guarás, aves vermelhas belíssimas que vivem do mangue. Como a reportagem constata, ele encontrou mais guarás em terra, durante o dia, do que nas revoadas para casa. O homem está destruindo o dormitório deles, que em determinadas épocas do ano também é ninhal. Em seis semanas de viagem, nunca vi Robson tão feliz como no momento.

to em que me viu chegando de barco para resgatá-lo. Descobri que no litoral brasileiro é tão fácil entrar em apuros quanto no interior. Fiquei pensando que, se fosse turista, ia tentar a sorte em outras praias. A primeira dificuldade é arrumar um barqueiro que tenha palavra e não te explore. Eu já sabia que a palavra "Reportagem" escrita na porta do carro inflaciona os preços. Na saída de Altamira, tive de pagar R\$ 4,00 por um litro e meio de água mineral.

Duvido que alguém por ali já tenha ouvido falar nesse preço. Mas a extorsão em pontos mais turísticos para mim é incompreensível. O visitante nunca

mais volta, por mais bonito que seja o lugar.

Turistas no atoleiro
 O caso que mais irritou foi no Parque Nacional de Lençóis Maranhenses. O lugar de fato é maravilhoso. Para ver as dunas e lagoas, contratamos um guia indicado pela hospedada onde nos hospedamos. Pedimos para fazer os passeios mais bonitos, já que tínhamos poucos dias.

Consultamos o guia sobre a possibilidade de ir com nossa passante caminhonete, com tração alta e reduzida, ainda virgem em territórios arenosos. Ele disse que sim, e dirigimos alegremente para nosso primeiro atoleiro. Entramos, saímos e seguimos para o nosso segundo atoleiro. Neste, ficamos. Oito horas. Descobri que nosso guia não tinha rádio nem qualquer outro meio de informar alguém que precisávamos de ajuda. Meu celular, que tinha sinal quilômetro sim quilômetro não, magicamente funcionou de dentro da cabine. Quando meus dois companheiros me chamaram de que não são só mocinhas indefesas que precisam de socorro na estrada,

chamamos um guincho. Quem prestava o serviço era o irmão do guia. Por R\$ 130,00, ele nos tiraria dali. Mandei vir. Caminhonete desatolada, puxo a carteira e sou informada de que teria de pagar, na verdade, R\$ 230,00. Argumentei que o preço era outro, que o próprio irmão havia dito. Um irmão xingou o outro de burro. Paguei os 230,00.

Como escrevi posteriormente numa carta à prefeitura de Barreirinhas, município onde fica o parque, aproveitar-se de alguém em apuros é execrável. Enquanto esperava socorro, ainda no atoleiro, ouvi do meu guia histórias que deveriam ser contadas com certa vergonha por quem presta o serviço, mas que ele narrava em tom de deboche. Por exemplo, sobre dois casais que volveram passear nas dunas com a própria Land Rover, fazer na areia o que viram na propaganda do carro. O veículo quebrou.

Anoiteceu. Quando o socorro chegou, os quatro estavam chorando. Pois é, aqueles casais, que devem ter outros amigos donos de Land Rover e com muito dinheiro para gastar em turismo, vão falar horrores do lugar. Potenciais visitantes que Barreirinhas nunca vai ver.

Fiquei imaginando se minha língua-mãe fosse holandês e eu não tivesse um celular funcionando.

Ouvi falar de uns canadenses que pretendiam passar uma semana em Lençóis. Ficaram três dias e disseram que estavam indo embora tarde. Mal o avião havia pousado em São Paulo, eu ainda esperava minhas malas no aeroporto, o celular tocou. Era o secretário de Turismo de Barreirinhas, José Ribamar Correa Filho, que recebera minha carta e ligava para pedir desculpas. Disse que o guia foi descredenciado, que seu irmão foi repreendido e a prefeitura gostaria de ressarcir a diferença cobrada no atoleiro. Não antes sem perguntar: "Por que você não nos procurou?"

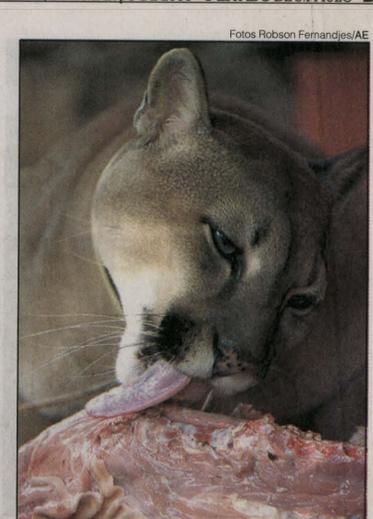
"Por que estava de folga", respondi. Fui passar como uma brasileira qualquer.

Pois é, se fosse como jornalista, o tratamento seria outro, e eu provavelmente estaria falando maravilhas dos Lençóis Maranhenses. Como turista, realmente fiquei impressionada pela beleza das dunas brancas. E só.

Correa reconhece as deficiências. "Estamos tentando melhorar o atendimento", disse. Exausta, fui para Araioases, uma daquelas cidades de que gosto tanto, com pousadas imundas, sem ar-condicionado, para ver se eu descansava um pouco. Pelo menos ali não se espera nada, e se o ar por acaso resolve funcionar, você acha que está com sorte. O oposto do que você sente quando finalmente consegue visitar um lugar famoso e badalado, tudo dá



"Surfista da areia" faz manobra nas dunas de Tutóia, cidade próxima do Parque Nacional de Lençóis Maranhenses



Sussurana parda, mascote da 51.ª Unidade de Infantaria da Selva do Exército em Altamira, no Pará



Índia guajá, que vive na Área Indígena do Caru, no Maranhão, amamenta macaco de estimação da tribo



Pescador divide com urubus o espaço próximo do Mercado Ver-o-Peso, onde vende os peixes, em Belém, Pará



Pescador lança a rede no Rio Moju, no interior do Pará



Índiozinho guajá pega pela primeira vez uma caneta e desenha peixinhos no caderno da repórter, na Área Indígena do Caru, Maranhão

Toda a série está disponível na NetEstado (www.estado.com.br)

Retratos de viagem